

Força no turismo e informática

A receita para gerar emprego imediato no Distrito Federal, na opinião do presidente da Federação das Indústrias do DF (Fibra), Antônio Fábio Ribeiro, é a cidade assumir a sua verdadeira vocação no setor terciário e incrementar a criação de uma forte indústria de turismo e de informática. "Este é o caminho", aponta o dirigente empresarial, destacando que isso só será possível através da união e da soma de esforços entre o governo e a sociedade.

Segundo Antônio Fábio, a indústria do Distrito Federal representa hoje cerca de 10% do Produto Interno Bruto (PIB) da capital da República. E para conseguir duplicar este desempenho precisa desenvolver um esforço muito grande, que só será atingido no início do próximo século. "A maturação dos investimentos industriais é de médio e longo prazos, por isso não podemos contar com este segmento produtivo para gerar emprego de imediato", explica.

Para o presidente da Fibra, o próximo governo deve ter como meta prioritária a geração de empregos, suficientes para ocupar os cerca de 120 mil desempregados existentes na cidade. A seu ver, no momento o setor com possibilidades reais de crescer é o do turismo, que traz renda de fora para Brasília.

Além disso, argumenta Antônio Fábio, o crescimento do turismo traz junto o incremento do comércio e, conseqüentemente, da indústria que o abastece. "O turismo é um forte ingrediente para o desenvolvimento da indústria e do comércio no DF", defende o empresário. Nesse sentido, o presidente da Fibra acha que Brasília deve se estruturar como as grandes cidades, promovendo feiras permanentes, exposições e outros eventos para atrair turistas durante todo o ano.

Para Antônio Fábio, Brasília possui uma forte indústria de informática, comparável às melhores do mundo, mas que pode crescer ainda mais. "As indústrias de informática do DF têm participado e vencido concorrências de nível nacional e internacional com alto desempenho. Mas poderá ser reforça-



Antônio Fábio Ribeiro, presidente da Fibra, crê na vocação do setor terciário de Brasília

da com a entrada de novas unidades, visando inclusive o mercado externo", disse.

Alimentos — Na opinião de Antônio Fábio, o governo local pode induzir fortemente um programa na área da indústria de alimentação, a mais florescente no mundo. "A região tem vocação para a agroindústria e importa mais de 80% dos produtos consumidos. Por isso, é um setor que pode crescer e incrementar paralelamente outros setores, como de fabricação de embalagens e de outros componentes.

O presidente da Fibra vê com preocupação a atual situação econômica do DF, devido à falta de emprego para a massa trabalhadora. "Os assen-

tamentos populacionais, que empregam um grande contingente de mão-de-obra na cidade, estão em fase de consolidação, assim como as obras de infra-estrutura, em processo de conclusão, causando a dispensa dos operários".

A prova desta situação, segundo Antônio Fábio, é que das 70 mil toneladas de cimento fabricadas no DF por mês, a construção civil consome apenas 40 mil toneladas, com as 30 restantes sendo gastas nos assentamentos. O cimento é o principal componente utilizado pela indústria de construção civil e o termômetro do seu desempenho.

Quando os assentamentos forem concluídos, os operários vão disputar

postos de trabalho com os demais moradores da cidade, agravando ainda mais a situação do desemprego, prevê Antônio Fábio. Ou irão para o mercado informal.

O desafio que o próximo governo do DF vai enfrentar será a definição de uma política de emprego, com apoio no desenvolvimento e crescimento da iniciativa privada. "Caberá ao atual e ao futuro governo criar os instrumentos de apoio e estímulo à geração de empregos, principalmente para os grandes contingentes de trabalhadores desqualificados profissionalmente, que se não forem assistidos caminharão inexoravelmente para o exercício da criminalidade ou da sobrevivência em níveis subumanos", antevê o empresário.

População tem hoje uma cidade auto-suficiente

Uma rede formada por cerca de 38 mil estabelecimentos credenciam Brasília como uma cidade auto-suficiente no campo da atividade comercial. Segundo dados da Associação Comercial do Distrito Federal, nenhum brasiliense precisa se deslocar para outra cidade em busca de novidades e preços mais baratos. "O nosso comércio é plenamente capaz de atender a demanda neste dois aspectos", afirma Josezito Nascimento,

há três anos presidente da associação.

O comércio emprega 80 mil pessoas diretamente. Os setores que mais se desenvolvem são o automobilístico, o mobiliário, vestuário e supermercados. Josezito Nascimento não nega que as vendas caíram, "mas isso não é um fenômeno que está acontecendo apenas aqui, mas em todo o País".

Criada em 1958, a associação e seus membros guardam muitas recordações do início de Brasília. "Tudo era feito muito nas coxas", lembra Nascimento. Ele lembra que o Núcleo Bandeirante, antiga Cidade Livre, abrigava os pioneiros e que por isso os primeiros estabelecimen-

tos foram ali construídos. "Quem não se lembra do mercado da Cidade Livre?", pergunta.

De tudo — Nesta época, os comerciantes vendiam de tudo um pouco. No mesmo estabelecimento a população encontrava roupas, alimentos, aviamento entre outros produtos. Por falta de meios de comunicação, como telefone, não havia outro jeito para os comerciantes senão ir de ônibus até cidades vizinhas para comprar, pessoalmente, as mercadorias.

Hoje, Taguatinga e Ceilândia ocupam destaque na atividade comercial. Seus maiores concorrentes são os shoppings, que na visão de Nascimento vêm contribuindo signi-

ficativamente para que as quedas de vendas não sejam tão grandes. "Os shoppings e os grandes supermercados são muito atrativos para o consumidor, que acaba indo comprar um produto e termina por comprar outros", disse.

Sobre o futuro, o presidente da associação profetiza: "Melhorando as condições econômicas do País, eu tenho certeza que Brasília vai se destacar em nível nacional". Ele observa ainda que apenas o frete torna diferente o preço das mercadorias vendidas aqui e em outras capitais, "mas se você tem que pagar um ônibus ou uma passagem de avião para comprar no Rio ou em São Paulo, o preço daqui acaba saindo mais barato".